

GRUPAMENTO DE MERGULHADORES DE COMBATE (GRUMEC) DA MARINHA DO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS A PARTIR DO FENÔMENO CORPOREIDADE

Brenda Farias dos Santos¹ Carlo Henrique Golin²

Resumo: No presente trabalho, abordamos a origem histórica e a formação do Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC) da Marinha do Brasil e realizamos aproximações teóricas desse contexto com o fenômeno da Corporeidade, ao analisar as associações subjetivas que os Mergulhadores fazem com seus corpos. Assim, nosso trabalho expõe algumas referências de caráter militar e outras civis que versam sobre o tema da Corporeidade e sobre o conceito de Corpo-Ativo. Executamos, em termos metodológicos, uma pesquisa de campo com oito Mergulhadores de Combate (MECs), com uma entrevista contendo duas questões abertas. Os dados coletados na entrevista foram analisados por meio de uma adaptação da proposta de Moreira, Simões e Porto (2005), na perspectiva da análise de conteúdo. Os resultados apontam que os Mergulhadores de Combate (MECs) exercem as suas atividades cotidianas direcionadas à manutenção da forma “física”, inclusive no sentido literal do termo, valorizando o corpo como uma “máquina” e como um “instrumento de trabalho”, que, inclusive, deve permanecer pronto para o combate constantemente. Observamos, ainda, uma rotina de treinos que proporciona uma melhor capacidade física, dentro e fora da instituição, o que se constitui como um padrão essencial para a conclusão das atividades que a profissão exige. Entretanto, todos os treinamentos pelos quais os militares são submetidos e o processo de docilização presente na Força constroem uma identidade institucional que é introjetada à identidade pessoal desses sujeitos. Por fim, os dados apontaram uma visão dicotômica (corpo-mente) nas falas dos entrevistados, perspectiva que reforça o entendimento mecânico e dicotômico de corpo.

Palavras-chave: Mergulhadores de Combate; Corporeidade; Militar

¹ Mestra em Estudos Fronteiriços. Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal – UFMS/CPAN. E-mail: brendaalmeida1909@gmail.com; ² Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília – UCB; Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal - UFMS/CPAN – curso de Educação Física e Mestrado em Estudos Fronteiriços. E-mail: carlo.golin@ufms.br.

GROUP OF COMBAT DIVERS (GRUMEC) OF THE BRAZILIAN NAVY: AN ANALYSIS OF DISCOURSES BASED ON THE CORPORATE PHENOMENON

Abstract: In the present work, we address the historical origin and formation of the Brazilian Navy's Combat Diver Group (GRUMEC) and carry out theoretical approximations of this context with the phenomenon of Corporeality, by analyzing the subjective associations that Divers make with their bodies. Thus, our work exposes some military and other civil references that deal with the theme of Corporeity and the concept of Corpo-Active. We carried out, in methodological terms, a field survey with eight Combat Divers (MECs), with an interview containing two open questions. The data collected in the interview were analyzed through an adaptation of the proposal by Moreira, Simões and Porto (2005), from the perspective of content analysis. The results indicate that Combat Divers (MECs) carry out their daily activities aimed at maintaining their "physical" shape, including in the literal sense of the term, valuing the body as a "machine" and as a "working instrument", which, including, must remain ready for combat at all times. We also observed a training routine that provides better physical capacity, inside and outside the institution, which constitutes an essential standard for completing the activities that the profession requires. However, all the training that the military undergoes and the process of docility present in the Army build an institutional identity that is introjected into the personal identity of these subjects. Finally, the data pointed to a dichotomous view (body-mind) in the interviewees' statements, a perspective that reinforces the mechanical and dichotomous understanding of the body.

Key words: Combat Divers; Corporeality; Military.

Introdução

Neste trabalho, apresentamos a história e a formação dos Mergulhadores de Combate da Marinha do Brasil (MECs), em especial, a Organização Militar (OM) do Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC), e realizamos aproximações teóricas desse contexto militar com a temática da Corporeidade. Desta forma, o trabalho busca contribuir para o acervo militar do nosso país no que tange a formação dos MECs e busca ampliar o debate sobre o fenômeno¹ Corporeidade a partir do discurso desse grupo de elite.

Para isso, é importante compreender que estudar de que forma os perfis comportamentais dos seres humanos são adquiridos e/ou desenhados em diferentes contextos é muito significativo para conhecermos melhor as diferentes variáveis relacionadas à díade corpo-indivíduo e/ou corpo-instituição¹. Deste modo, neste estudo, entendemos que cada sujeito, após o ingresso nas Forças Armadas, em especial, a Marinha do Brasil (MB), passa a adotar comportamentos específicos que orientam sua relação com o próprio corpo e o ambiente social em que está inserido.

Diante desse contexto, realizamos a pesquisa de campo a partir de uma entrevista com duas questões abertas realizadas com oito militares ativos da GRUMEC, elegidos por conveniência. A análise dos dados obtidos foi realizada com base em uma adaptação da metodologia descrita em Moreira, Simões e Porto² os quais abordam as análises de conteúdo, tendo como técnica as análises de unidades de significado, focadas numa perspectiva de investigação qualitativa.

Em primeira análise, o curso da MB exige, dos mergulhadores, uma grande carga de treinamento e rigorosa disciplina institucional para serem incorporados no GRUMEC, e, portanto, os corpos (os sujeitos) militares ficam propensos às diversas situações extremas e adversas. Neste sentido, durante as entrevistas, utilizamos o termo Corpo Ativo, no intuito de sensibilizar uma percepção analítica sobre o próprio corpo no contexto militar, mais especificamente, dentro do GRUMEC.

Assim, ao considerar essa conjuntura, nos baseamos no estudo de Inforsato³ (2006), que

¹ Na pesquisa, a palavra “fenômeno” inserida busca expressar a Corporeidade como um possível campo de estudo atrelado à área da Educação Física.

aborda o binômio corpo/Corporeidade ao dissertar sobre o “corpo ativo”. Seu trabalho nos possibilitou estabelecer a relação entre esses conceitos e os indivíduos integrantes das Forças Armadas (Marinha) para entendermos as possibilidades e os “limites dos corpos” desses militares dentro da GRUMEC. Neste sentido, ao analisar os estudos de Inforsato³, nos questionamos qual seria a concepção de corpo desses militares e de que forma esses militares se expressariam, tendo em vista o corpo ativo dentro da OM.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi destacar o entendimento que os MECs têm sobre o seu próprio corpo, considerando a profissão que exercem, as suas capacidades, as suas dificuldades, a forma como se apresentam em seu âmbito de trabalho e como se manifestam nesse ambiente. Para isso, a pesquisa se estruturou em duas frentes: a primeira discute a história e a formação dos MECs, na perspectiva de Lisboa^{4,5} Na segunda, trabalhamos os elementos conceituais sobre a temática da Corporeidade, baseada em autores como Inforsato³ e Moreira⁶.

2 - História dos Mergulhadores de Combate da Marinha do Brasil

O Mergulhador de Combate foi introduzido na Marinha do Brasil, segundo Lisboa⁴, após a aliança entre Brasil e Estados Unidos (EUA), que concedeu ao Poder Naval brasileiro a influência tática e doutrinária da estratégia marítima norte-americana. Com isso, Brasil e EUA efetivaram sua relação, firmando um tratado de cooperação político-militar que possibilitou aos americanos a utilização das bases navais do litoral brasileiro, como as bases de Natal, Recife e Salvador, no intuito de promover a defesa do Atlântico Sul e o auxílio aéreo para os aliados que combatiam no Norte da África, Europa e Extremo Oriente. Já o Brasil, obteve o título de aliado íbero-americano dos EUA, o que oportunizou ao país a autorização de um fundo financeiro para que as Forças Armadas adquirissem armamentos de origem norte-americana⁵. Tal vínculo se estabeleceu após a década de 1940, com os conflitos entre Estados Unidos e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, conforme salienta Lisboa⁴.

Os diversos conflitos gerados por influência da Guerra Fria (1945-1991) foram o agente motivador para que várias nações investissem em programas de aperfeiçoamento militar tendo como objetivo as denominadas tropas de operações especiais. No âmbito da guerra naval, esse período de incertezas foi próspero e marcou a gênese e/ou a transformação de diversas unidades especializadas em conduzir ações envolvendo mergulhadores de Combate⁴.

No Brasil, os primeiros mergulhadores de combates da Marinha foram quatro militares,

divididos em dois oficiais² e dois praças³, que se dedicaram a concluir o curso de mergulhadores de combate em território estrangeiro, o curso era denominado *Underwater Demolition Teams (UDT)*, atualmente conhecido como *Basic Underwater Demolition – Sea, Air and Land (BUD/SEAL)*⁴. Em seguida, inspirados em combatentes como os *Nageurs de Combat*⁵ da Marinha Francesa, mais um grupo pequeno de brasileiros se deslocaram em busca de mais capacitação profissional, desta vez, na França⁴.

Quando ponderamos sobre a formação dos primeiros Mergulhadores de Combate (MECs) brasileiros, é importante fazer uma digressão para esclarecer alguns aspectos relacionados ao Curso De Reposição da Equipe de Demolição Submarina (Underwater Demolition Team/Replacement (UDT/R) ministrado pela Marinha dos EUA durante a década de 1960⁵.

Neste sentido, para realizar a digressão proposta por Lisboa⁵, retornaremos ao final de 1963, quando o grupo inicial de militares partiu rumo à cidade de Norfolk, localizada no estado da Virgínia, como voluntários ao curso profissionalizante *UDT*, de Mergulhadores de Combate, ministrado pela *U.S Naval Amphibious School*, conhecida no Brasil como Escola Naval Anfíbia, localizada na *U.S Naval Amphibius Base* em Little Creak⁷.

Assim, em janeiro de 1964, o grupo formado por 12 militares brasileiros iniciou sua formação no um curso, que tinha como desafio o teste dos limites físicos e psicológicos da forma mais rigorosa possível⁷.

Apesar deste desafio, os militares permaneceram até o final da quinta semana da fase de Condicionamento Básico. Essa é a etapa do curso conhecida como *Hell Week* (a semana do inferno), devido ao fato de ser, para os alunos, a pior semana do treinamento, na qual 70% dos alunos se tornam desistentes. Desta forma, apenas cerca de 30% a 40% dos alunos conseguem concluir o curso *UDT*⁷. Neste sentido, corroborando as estatísticas, dos 12 militares brasileiros que partiram em busca do título de Mergulhadores de Combates, apenas quatro militares permaneceram após a *Hell Week*. Assim, devido ao excelente desempenho que estes militares obtiveram durante as fases do curso, foram reconhecidos como *The Brazilian Four* perante os estrangeiros⁷.

Os *The Brazilian Four* concluíram as três etapas do *UDT/R*, divididas da seguinte forma: a primeira fase do curso consistiu na realização de testes físicos e psicológicos, que tem

² Os Oficiais exercem funções de comando, chefia e direção.

³ Os Praças são auxiliares e executores das funções propostas pelos Oficiais.

⁴ Demolição Subaquática Básica - Mar, Ar e Terra (BUD / SEAL) – é um curso de treinamento SEAL de 6 meses realizado no Centro de Treinamento Naval de Guerra Especial em Coronado, CA.

⁵ *Nageurs de Combat* – Nadadores de Combate - nomenclatura para os combatentes da Marinha Francesa.

por finalidade selecionar militares mais preparados e eliminar aqueles considerados “fracos”, a partir de atividades que causem exaustão física/mental desde a primeira etapa do curso básico.

Já a segunda fase era relacionada com o aprimoramento das capacidades bio-psicológicas dos militares e envolvia as técnicas de Mergulho (LISBOA, 2018), enfatizando a metodologia de ensino para o emprego dos dispositivos de respiração subaquática de circuito aberto (SCUBA)⁶ e fechado (Rebreather)⁷.

Por fim, a terceira etapa consistiu na avaliação teórica para finalização do curso, cuja aprovação era necessária para o recebimento do certificado de Mergulhador de Combate. Neste sentido, observamos a rigidez do treinamento, uma vez que, de uma turma de 66 militares (12 brasileiros e 54 estadunidenses), apenas 20 militares obtiveram êxito e receberam o certificado. Assim sendo, *The Brazilian Four* retornaram ao Brasil como Mergulhadores de Combate, com o intuito de multiplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e possibilitar que a Marinha do Brasil qualificasse e formasse outros militares, o que configurava-se como uma opção viável para a Defesa Marítima do País⁴.

No Brasil, em 3 de abril de 1970, após a Ordem de Serviço nº. 012/70, do Comandante da Força de Submarinos, foi criada a Divisão de Mergulhadores de Combate da Base Almirante Castro e Silva (BACS), em Niterói no Estado do Rio de Janeiro (RJ). Em seguida, com o intuito de atender às solicitações da Esquadra⁸ e dos Distritos Navais⁹, no ano de 1983, a Divisão de Mergulhadores de Combate foi transformada no Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC), localizado no Rio de Janeiro, em uma Ilha denominada Mocanguê Grande, restrita aos militares e destinada aos treinamentos e cursos de profissionalização.

No ano da pesquisa (2019), o GRUMEC contava com mergulhadores ativos que exerciam suas funções na OM e 58 militares pioneiros¹⁰. O Grupamento era composto por 53 mergulhadores, entretanto, 18 estavam fora de sede¹¹, servindo em regiões como Manaus/AM, Ladário/MS, Natal/RN, Belém/PA e Brasília/DF, bem como em missão de Paz no Líbano ou

⁶ SCUBA - *Self Contained Underwater Breathing Apparatus*, na tradução livre quer dizer: Aparelho de respiração subaquática autocontido, que significa dispositivo de ar comprimido usado por mergulhadores profissionais e recreativos.

⁷ *Rebreather* é um aparelho que possibilita que o mergulhador inspire novamente o gás expirando.

⁸ Este termo, na tradução livre, designa o conjunto de todos os seus navios de guerra, podendo ser definida como uma divisão das frotas, sob comando de um Oficial General.

⁹ Os Distritos Navais estão divididos em nove organizações administrativas pelo Brasil, que têm as funções de promoção e direção da vigilância e defesa marítima, fixa e móvel do litoral e águas interiores. Portanto, todas sujeitas à sua jurisdição.

¹⁰ Esse termo se refere aos primeiros Mergulhadores de Combate da Marinha do Brasil que, atualmente, não exercem mais suas funções dentro do Grupamento.

¹¹ A sede do GRUMEC está localizada no Estado do Rio de Janeiro, na Ilha Mocanguê Grande.

no Navio Escola - NE BRASIL (U-27)¹². Além desses militares da ativa, 15 militares entravam na relação de falecidos e 112 Mergulhadores estavam na reserva remunerada¹³, totalizando 256 militares formados no Brasil, até o momento. Vale destacar que somente entre 30% e 40% dos alunos conseguiam concluir o curso de Mergulhador de Combate.

Nesta OM, composta unicamente por homens, as especializações (Precursores Paraquedistas, Dobragem e Manutenção de Paraquedas (DOMPSA), Mestre de Salto, Caçador Militar, Guerra na Selva, Operações no Pantanal, Montanhismo, Special Weappons and Tactics (SWAT), Curso Especial de Defesa Nuclear Biológica Química e Radiológica (NBQR), Patrulhas Urbanas CORE, SAER), dentre outros de cada MEC são determinadas a partir de cursos específicos realizados. Porém, isso não exclui que cada homem seja capaz de desenvolver todas as habilidades e funções do MEC.

Os MECs são qualificados para desempenhar inúmeras missões, entre as quais se destacam: ataques furtivos de sabotagem (destruição) contra navios, instalações portuárias, plataformas de petróleo/gás natural, pontes, represas e defesas costeiras; reconhecimento, vigilância e coleta de dados de inteligência; captura e/ou resgate de material e pessoal em áreas de guerra e/ou conflito; interdição de linhas de comunicação e suprimentos nas proximidades de rios ou canais de navegação; operações de combate ao terrorismo (contraterrorismo), dentre outras⁴.

Nesta perspectiva, para valorizar a competência, persistência e firmeza, os MECs são expostos a uma série de atividades físicas intensas e rigorosas em terra, água (piscina, mar aberto) e ar, para que possam ter um condicionamento excelente e operar de forma não temerosa às funcionalidades de um MEC. Essas ações e qualificações são discutidas no subitem seguinte, no qual abordamos as especialidades do curso profissionalizante.

2.1 - O Curso E suas Categorias

O curso de Mergulhadores de Combate possui um dos treinamentos de formação mais longos das Forças Armadas Brasileiras e divide-se em duas categorias: o CAMECO (Curso de Aperfeiçoamento de Mergulhadores de Combate para Oficiais), oriundo da Escola Naval e o C-ESP-MEC (Curso Especial de Mergulhadores de Combate), destinados aos praças, ou seja, para os militares que ingressaram na Marinha por meio de concurso e/ou alistamento, passando pelas patentes iniciais, como por exemplo: Marujo, Cabo, Sargento (gradativamente), até atingir

¹² Esse termo se refere ao Navio Escola, onde os Jovens da Escola Naval realizam uma viagem por toda a Europa, como ritual de passagem, oficializando o seu ingresso como Oficiais na Marinha do Brasil.

¹³ Este termo significa que os militares estão na aposentadoria.

as maiores patentes possíveis relacionado à sua aposentadoria.

Após ter o aval para realizar a inscrição no curso profissionalizante, o militar precisa se apresentar no CIAMA, localizado na Ilha de Mocanguê Grande, em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. O Curso Especial de Mergulhadores de Combate tem início uma vez por ano no mês de janeiro. Tem como objetivo formar militares com capacidade de operacionalidades no mar, na terra e no ar, manuseamento de equipamentos de mergulho, armamentos, e explosivos, sendo possível a utilização de táticas e técnicas para guerras não convencionais, bem como para os conflitos de baixa intensidade e realização de tarefas e atividades no Comando de Operações Navais (ComOpNav). As atividades previstas no ComOpNav-544 (Manual de Operações Especiais), publicado em 2002, são confidenciais, o que dificulta uma maior profundidade de discussão sobre o referido documento.

Apesar da restrição de informações sobre as atividades realizadas, Lisboa⁴ afirma que o curso, seja para CAMECO ou C-ESP-MEC, é dividido em três etapas distintas que se estendem ao longo de 45 semanas. Seus componentes curriculares são ministrados pela Escola de Operações Especiais, vinculada ao CIAMA, e, ambas respeitam a mesma estrutura organizacional, ao dar ênfase ao adestramento nas diversas disciplinas sobre Guerra não convencional conduzida em ambiente marítimo. Ainda, o curso de MEC se diferencia já na hierarquia militar, sobretudo ao direcionar o tipo específico de tarefas que serão distribuídas pelos Oficiais e aos Praças. Por exemplo, essa diferenciação influencia a realização das atividades após a conclusão do curso, como as ordens dos Oficiais que são dadas aos Praças durante o planejamento tático para a infiltração dos mergulhadores de combate em suas missões.

Assim, o CAMECO (Oficiais) é um curso de aperfeiçoamento militar, de nível técnico-profissional destinado para Oficiais, desse modo, o candidato precisa preencher os requisitos básicos do curso: ser Oficial do Corpo da Armada ou do Quadro Complementar do Corpo da Armada e ser aprovado em exame psicológico; exame médico; teste de câmara de recompressão e testes físicos.

Já para a categoria C-ESP-MEC (Praças), os requisitos necessários para que os militares possam se candidatar ao curso profissionalizante dos MECs são: ser, no mínimo, Cabo (CB) ou Sargento (SG) ou do Corpo de Praças da Armada (CPA) ou do Corpo Auxiliar de Praças (CAP); ser do sexo masculino, em condições de reengajar, ou seja, apto nas inspeções de saúde; não estar realizando estágio de aplicação referente à curso realizado; ser indicado em exame psicológico, aplicado pelo Serviço de Seleção de Pessoal da Marinha (SSPM) para atividade de

mergulho; estar apto em inspeção de saúde para atividade de mergulho; estar em controle anual psicofísico para atividade de mergulho atualizado; ser aprovado em exame de suficiência física aplicado pelo Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átila Monteiro Aché (CIAMA); ser voluntário; ter menos de 33 anos de idade em primeiro de janeiro do ano da inscrição e preencher os requisitos para a matrícula em curso estabelecido no Plano de Carreira de Praças da Marinha do Brasil (PCPM).

No mesmo sentido das divergências, quanto ao conteúdo, o C-ESP-MEC (Praças) se diferencia apenas do CAMECO (Oficiais) em alguns itens, por exemplos: Noções Básicas de Gestoria e Gestão Contemporânea; Equipamento Autônomo de Circuito Aberto (MAUT); Comunicações e Optrônicos; Orientação Terrestre e Náutica e Processo de Planejamento de Patrulha.

2.2 - O Corpo Militar

As Forças Armadas são constituídas pela Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e a Aeronáutica, órgãos responsáveis pela Defesa do País, sob a autoridade suprema do Presidente Nacional, e têm como função defender os recursos naturais, industriais e tecnológicos, proteger os cidadãos e garantir a soberania da nação.

Especificamente no caso da Marinha do Brasil, assim como o Exército Brasileiro e a Aeronáutica, a instituição faz a convocação para o alistamento militar obrigatório e o alistamento voluntário uma vez por ano. Para isso, o Exército Brasileiro é a Instituição responsável por receber os candidatos no momento da inscrição no alistamento obrigatório, que deverá ser realizado na Junta de Serviço Militar (JSM) mais próxima da residência do sujeito. O indivíduo, então, precisa preencher alguns requisitos básicos para realizar o alistamento obrigatório, como ser brasileiro, do sexo masculino, ter 18 anos ou completar 18 anos no período de primeiro de janeiro até o último dia útil do mês de junho, além de possuir idoneidade moral, ou seja, ser considerado um indivíduo de boa conduta e estar em dia com as condições civis e militares⁸.

Neste sentido, assim como as outras Instituições Militares, a Marinha do Brasil conta com militares de ambos os sexos para exercerem suas funções no sistema corporativo de suas OM's, porém é necessário destacar a exclusão das mulheres na Infantaria¹⁴. Neste caso, para essa Instituição, as mulheres não estariam qualificadas para serem militares da Infantaria,

¹⁴ A Infantaria significa um grupo de agentes militares das Forças Armadas que ficam à frente do Combate, tendo como objetivo principal conquistar e manter o território. Em sua categoria de modernidade, a Infantaria divide as tropas de infantes em unidades definidas como divisões, brigadas, batalhões, companhias e pelotões.

sobretudo no Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC), que, administrativamente, é constituída apenas por homens. Esta restrição ao sexo masculino fica evidente nos requisitos básicos do alistamento militar.

Nesta perspectiva, por se tratar de funções que possuem demandas corporais extenuantes, acredita-se que as mulheres não teriam capacidades físicas para lidar com as cargas de treinamento intenso e rigoroso que é aplicada no curso profissionalizante dos MECs ou de qualquer outro curso destinado à formação de militares especiais (LISBOA, 2018). Ao contrário, acredita-se que as mulheres, por terem corpos femininos, frágeis e sensíveis, se tornam incapazes de assumirem os cargos que, necessariamente, exijam uma figura rígida, amedrontadora, que utiliza da força física para derrotar seus inimigos e impor respeito e ordem. Dessa forma, cabe aos homens assumirem esse papel de militares designados a utilizarem sua força e virilidade para combater o inimigo.

Deste modo, aos homens combatentes, o corpo é sua ferramenta de trabalho, portanto, é o seu dever proporcionar o melhor cuidado possível durante os anos de atuação como militares em função. Também é dever do militar manter sua forma física e psicológica no melhor estado possível de saúde. Assim, apesar da deterioração do corpo ao longo do tempo, devido a lesões causadas pelo esforço excessivo e do desgaste físico inerente ao envelhecimento, os militares (ativo) precisam manter a mesma intensidade de treinamento físico e manter o seu padrão como um operador especial. Esta exigência torna-se evidente nos dizeres de Castro⁹ ao afirmar sobre a necessidade constante de

Entonação da voz clara e firme; o olhar direcionado para o horizonte, e não para baixo; uma postura correta, e não curvada; certa “densidade” corporal – tônus musculares, relação peso x altura equilibrada, uma noção rígida de higiene corporal –, usar os cabelos curtos, o uniforme impecavelmente limpo, fazer a barba todos os dias (mesmo os imberbes); um linguajar próprio [...]. O senso de honestidade e “retidão” de caráter; a preocupação com as causas “nobres e elevadas” [...]; o espírito de renúncia e o desapego a bens materiais; o respeito à ordem, à disciplina e à hierarquia [...], uma vida levada ao ar livre, saudável, mais natural⁹.

Neste trecho, Castro⁹ descreve as características do militar e relata o “padrão” de comportamento e apresentação de um “homem” dentro da Instituição (Marinha do Brasil), focando numa identidade padronizada, disciplinada e rigorosa. Assim, essas características levam o sujeito a significar o seu corpo como uma “máquina” de aplicar e manter a ordem.

Assim, ainda sob a ótica de Castro⁹, a Marinha do Brasil prisma por uma conduta impecável dos militares, E, portanto, os tornam “diferentes” dos civis, especialmente quanto ao

trato do corpo. Da mesma forma, Moreira¹ discute que ao associar o corpo físico do militar aos valores e comportamentos relacionados à carreira funcional, o corpo militar é construído a partir do processo de disciplinarização rigorosa e intensa do *corpo-instituição* e *corpo-individual*, conceitos que serão discutidos a seguir.

O conceito de *corpo-instituição*, discutido por Moreira¹, se dá pelo processo docilizado dentro das Forças Armadas. Para o autor, desde o momento em que o indivíduo se insere na Instituição, se torna um iniciante das funções propostas por ela, momento em que ocorre um processo de retomada de civilização dos indivíduos como integrantes da mesma, quando a Instituição passa a se tornar parte do corpo-individual. Neste sentido, caso as ordens e atividades não sejam cumpridas adequadamente, os militares são disciplinados com punições, como um período de prisão militar (cadeia) e/ou expulsão da corporação, dependendo do nível de inadimplência do militar. Deste modo, os padrões militares, que vão desde tarefas simples, como arrumar a cama às complexas relacionadas ao seu comportamento, são introjetados a partir do processo de docilização. No mesmo sentido, Moreira¹ discute que o conceito de *corpo-individual* apresenta-se quando o sujeito passa a atuar como militar até mesmo quando está fora do ambiente de trabalho, isto é, uma vez que os padrões da Corporação já estejam introjetados, o seu corpo não mais lhe “pertence”. Por isso, o sujeito militar passa a aderir tal comportamento mesmo sem a farda, e, a sua identidade civil é “perdida”, muitas vezes até para seus familiares e amigos.

Nesta perspectiva, as variáveis que controlam o contexto dentro das Organizações Militares se estendem ao mundo externo ao trabalho, principalmente com relação à hierarquização da Força. Moreira¹ relata que um Almirante será sempre um Almirante para os demais e, em hipótese alguma, deverá ser igualado como civil por outro militar¹. Por exemplo, se o contexto é uma partida de futebol, no qual um Marujo trata de forma ofensiva o seu Almirante, apesar de se tratar de um contexto de lazer, o mesmo poderá sofrer as devidas punições militares referentes ao seu trato, sobretudo por ser um subordinado.

Ainda, Moreira¹ discute que a sujeição à disciplina militar se apresenta como uma possibilidade de que o corpo seja instrumentalizado pela Organização, em uma relação de codificação e descodificação de sinais. Portanto, o conceito de corpo-individual e corpo-instituição perpassam, pela exclusão do perfil social de um militar e, conseqüentemente, pela incorporação dos elementos institucionais como nova identidade.

3 - O Fenômeno Corporeidade

Neste trabalho, pretendemos discutir o fenômeno Corporeidade, vinculado às diferentes expressões da área da Educação Física, como uma possibilidade de transcender uma visão mecanicista de corpo humano, particularmente “mergulhado” no contexto militar e dar espaço para a expressão de um sujeito para além do fardamento, que possui subjetividade e peculiaridades inerentes ao “ser” humano.

Para isso, consideramos importante definir o conceito de Corporeidade. De acordo com Moreira⁶, a definição de Corporeidade pode ser compreendida, para muitos, de formas diferentes, mas consideramos que a relação *corpo-vivente* como ponto de partida seja um caminho interessante. Moreira⁶ ainda destaca que, em uma crônica intitulada “Corporeidade é!!!”, o termo não deveria ser somente um conceito em si, mas um estilo de vida na busca da autossuperação. No entanto, o conceito e a vivência devem ser complementares no sentido da Corporeidade, com maior importância as questões atitudinais. Desta forma, é importante compreendermos que precisamos relacionar o binômio Corpo/Corporeidade nas relações individuais e/ou coletivas no mundo.

Na mesma concepção, Polak¹⁰ destaca que a Corporeidade é a história de todos nós, é a existencialidade do sujeito, sendo assim, o corpo estaria em constante processo de redefinições, não sendo algo objetivo, pronto e acabado, mas, sim, o ator principal de todos esses aspectos.

Em contrapartida à noção de Corporeidade comum a todos, Overton¹¹ discute uma perspectiva singular do conceito, ao afirmar, baseado em outros autores, que o corpo é uma das mediações de todas as nossas ações. À vista disso, o conceito de Corporeidade, aqui, se refere às experiências de vida que trazem significações, intenções e desejos e, portanto, subjetividade. Isso estaria relacionada ao tipo de corpo que cada indivíduo possui, uma vez que cada ser humano traz consigo suas próprias experiências vividas, suas percepções de corpo e mundo. Dessa forma, essa experiência contribui para a formação própria de cada ser, de cada corpo autêntico inserido no mundo.

Assim, de acordo com essas afirmações, acreditamos que pensar sobre o fenômeno Corporeidade é refletir, também, sobre diversas variáveis, especialmente sobre a possibilidade de diferentes relações subjetivas com o corpo nesse mundo. Neste sentido, destacamos que todo “ser” humano que habita esse mundo, tem suas potencialidades, individualidades, escolhas e limitações. Da mesma forma que cada homem e/ou mulher incorporado nas Forças Armadas têm suas peculiaridades, pois suas experiências proporcionam diferentes relações com o mundo, formando sua Corporeidade e manifestando-a de diferentes formas.

Neste caso, as expressões Corpo e Corporeidade devem ser entendidas como conceitos distintos, porém que se integram durante a formação de um sujeito. A palavra corpo está relacionada, na sociedade ocidental, como uma máquina, um objeto, algo passível de ser manipulado, em contraponto com o pensamento e/ou alma e vivência da Corporeidade.

Desta forma, o corpo é compreendido, na maioria das vezes, como a mais pura forma física do sujeito. Em contrapartida, o fenômeno Corporeidade busca dar conta de um sentido mais amplo, vinculado especialmente a sua existencialidade, o que não exclui o elemento biológico, físico e material. Para ilustrar este pensamento, utilizamos como exemplo os dizeres de Moreira⁶ quando descreveu sobre a não fragmentação do sujeito.

Corporeidade é tema de discussões científicas, realizadas com radicalidade, com rigor e de forma contextualizada, mas sem separar o corpo em partes para depois juntar; sem manipular pessoas para depois desculpar; sem criar prosélitos para depois deixá-los a ver navios; sem transformar teorias em dogmas, pois enquanto aquelas são abertas e passíveis de reformulações, estes são sinônimos de regras imutáveis a serem seguidas, justificando tudo, às vezes até a ausência da Corporeidade⁶.

Com isso, podemos compreender que, ao estudarmos a essência do fenômeno Corporeidade, percebemos que o que foi adquirido ao longo do tempo é expresso pelo corpo. Portanto, estudar esse fenômeno faz com que percebamos as conexões, potencialidades e limitações que o corpo faz ao longo da sua existência. Nesse caso, o fenômeno Corporeidade destaca-se aqui como a ponte que nós, seres humanos, temos com o mundo, o que, em algum nível, pode representar um elo desse corpo no mundo.

Neste sentido, outro aspecto importante é o conceito de Corpo Ativo discutido por Moreira et al¹² como:

O conceito de corpo ativo atribuído por nós [...] é o da Corporeidade vivida, em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo. O corpo ativo, que é a vida, busca ver os seres que se mostram [...] o corpo ativo busca, em sua existencialidade, olhar os objetos, sabendo que isso demanda habitá-los e assim aprender ou incorporar as coisas nas mais diversas expectativas¹²

Ao seguir a mesma perspectiva, Gallo¹³, baseado em Aristóteles, afirma que o conceito de Corpo Ativo não deveria se tornar apenas um instrumento, um objeto que proporciona ação. A vista disso, o Corpo Ativo estaria relacionado a toda e qualquer movimentação, de forma voluntária realizada pelo corpo.

Baseado nessas argumentações, a expressão Corpo Ativo depende de movimento e das experiências vivenciadas pelo sujeito ao longo da vida. Sendo assim, para ter um “Corpo Ativo” é necessário manter-se ativo em seu sentido mais amplo, para que o indivíduo possa adquirir essas experiências.

Entretanto, a partir de outra análise, o corpo também é alvo de interesse político. Foucault¹⁴ discute que

Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo [...] Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso¹⁴

Assim, as palavras de Foucault¹⁴ podem nos ajudar a refletir sobre os “corpos militares”, especialmente quando, em determinados momentos da história, se tornaram instrumentos políticos, ao serem defensores da Pátria e utilizarem seus corpos como arma para cumprir esta missão. Portanto, preciso aceitar que a Instituição Militar faça parte do próprio ser.

4 – Materiais e Métodos

Este trabalho provém de uma pesquisa de campo, realizada no ano de 2019, com os militares ativos do GRUMEC. Utilizamos como ferramenta de coleta de dados, uma entrevista com duas questões abertas, escolhidas por conveniência, de acordo com a adaptação metodológica de Moreira, Simões e Porto². No tocante à seleção dos entrevistados, elegemos, por conveniência, oito militares ativos do GRUMEC. A seleção ocorreu dentre os 53 Mergulhadores de Combate que estão na ativa, que representam 15% dos militares formados no Brasil.

As entrevistas foram realizadas presencialmente, na Ilha de Mocanguê Grande, local onde está situado o Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC), localizada no estado do Rio de Janeiro, no município de Niterói, dentro da Base Almirante Castro e Silva (BACS), conhecida também como Base de Submarinhos da Marinha do Brasil.

Coletamos, no primeiro contato com os sujeitos, os dados iniciais dos participantes para

formular um perfil dos mesmos. As informações coletadas neste momento foram relacionadas à categoria do curso; ano em que cursou; quanto tempo de serviço no GRUMEC e patente atual.

Após a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos interessados na pesquisa e, em seguida, a devolução do TCLE devidamente assinados pelos sujeitos participantes, iniciamos as entrevistas de forma individual na “Sala de Recreação” dos MECs.

Utilizamos como materiais de registro o Aplicativo Gravador de Voz baixado em um celular Smartphone Motorola G6 Plus, um bloco de notas e uma caneta. As perguntas realizadas foram: a) Qual a sua concepção de Corpo Ativo? b) Como você expressaria o seu corpo militar, tendo em vista o Corpo Ativo dentro do GRUMEC?

Em cada questionamento utilizamos o método de perguntas geradoras, respeitando a ordem de cada uma das perguntas elaboradas. Assim, a segunda questão só foi apresentada aos sujeitos após terem respondido a primeira. Para essa proposta, selecionamos as questões por conveniência. Diante disso, a pesquisa seguiu conforme as normas do método de avaliação, não sendo aceitável nenhuma intervenção nas questões feitas aos sujeitos, que foram orientados desde o início sobre o procedimento, buscando o máximo da percepção dos entrevistados com relação às perguntas.

Após obtenção dos dados, a análise dos mesmos foi realizada a partir de uma adaptação da metodologia descrita por Moreira, Simões e Porto², quando abordam as análises de conteúdo, utilizando como técnica as análises de unidades de significado, focadas na perspectiva de uma investigação qualitativa sobre os dados encontrados.

A seguir, apresentaremos alguns dados obtidos na pesquisa e discutiremos sobre esse contexto do “corpo militar” relacionando ao fenômeno Corporeidade, destacando possibilidades e dificuldades, desses sujeitos ligados ao GRUMEC.

5 - Resultados

Com relação aos dados do perfil dos participantes, optamos pela não divulgação, a fim de não comprometer a identidade dos militares. No entanto, a primeira parte do estudo mostrou que o tempo de experiência dos militares como Mergulhadores de Combate variava entre 7 e 18 anos. Destes anos, no mínimo, quatro foram servidos no GRUMEC. Esses militares participantes eram provenientes dos cursos do CAMECO ou C-ESP-MEC.

Após a análise dos dados decorrentes da entrevista, podemos verificar que os MECs associam o Corpo Ativo a diversas perspectivas. Dentre elas, destacamos a importância do

movimento, a atividade física/treinamento, a saúde física e mental, sendo essencial o relacionamento “corpo-mente”, além do direcionamento do corpo como uma “máquina” de trabalho.

Para posterior discussão, apresentamos as principais expressões relatadas pelos MECs, e categorizamos o Corpo Ativo em suas concepções, as quais demonstraram uma divisão dicotômica acerca do corpo, especialmente entre os aspectos “físico e/ou cognitivo”.

Neste sentido, verificamos que as expressões (unidades de significado) descritas pelos MECs têm base robusta em suas próprias experiências, essencialmente associadas ao ambiente e realidade de trabalho, uma vez que consideram ser, o corpo, essencial o cumprimento de suas missões (trabalho). Podemos observar, que estas expressões, categorizadas em unidades de significados, seguem um padrão repetitivo, representado pela extrema necessidade de manter-se bem preparado e realizar diversas atividades relativas ao trabalho, especialmente para manter-se capaz e dentro do objetivo de suas operações.

Durante a entrevista, foi possível perceber que a concepção do termo Corpo Ativo varia conforme as experiências de cada sujeito. Cinco dos oito sujeitos entrevistados associam o Corpo Ativo a componentes físicos, como o treinamento, preparo e condicionamento físico. Já os demais entrevistados, se apoiam em componentes cognitivos, tais como: corpo-mente e saúde mental. Neste sentido, o Quadro 1 demonstra as percepções dos militares acerca do “seu” corpo dentro da OM.

Quadro 1 – Resumo das expressões relatadas pelos MECs, dividido por sujeito, sobre o “seu” corpo dentro da OM:

SUJEITOS/CODINOMES	UNIDADES/DESCRIÇÕES
Tubarão Cabeça-Chata	Preparado Fisicamente
Tubarão Galha-Branca	Linguagem corporal / Comunicação/ Corpo Máquina
Tubarão Anequim	Preparado Fisicamente
Tubarão Tigre	Vigor Físico
Tubarão Branco	Corpo-Mente/ Preparado Fisicamente / Coletividade
Tubarão Cação-Mangona	Corpo-Mente/ Preparado Fisicamente
Tubarão Martelo	Corpo-Mente/ Preparado Fisicamente
Tubarão Azul	Condicionado / Preparado Fisicamente

Fonte: Pesquisa de Campo.

Os dados coletados durante a entrevista apontam que eles estão sempre preparados para

o “combate”. Percebemos, em seus discursos, que devem estar preparados tanto física, quanto mentalmente. Assim, segundo eles, estarão aptos para realizar suas atribuições como Mergulhadores de Combate.

6 - Discussões

Inicialmente, nossa percepção da pesquisa de campo realizada no GRUMEC da Marinha do Brasil foi bastante satisfatória, mesmo com as suas limitações informativas (confidenciais) e metodológicas, o que proporcionou resultados interessantes que devem ser discutidos aqui e também aprofundados em outras oportunidades.

As entrevistas nos mostraram características essenciais e únicas sobre a perspectiva da temática da Corporeidade para os MECs. Desta forma, conseguimos destacar as percepções mais recorrentes durante a entrevista e ponderar as unidades de significado presentes, o que torna os resultados mais claros.

Neste sentido, no tocante ao conceito de “corpo máquina”, destacamos a fala do Tubarão Branco:

Creio que Corpo Ativo seja aquele relacionamento perfeito entre a mente e corpo. Onde a mente o guia, através da uma rotina de atividades saudáveis e desafiadoras. Uma mente que impulsiona diariamente está máquina, que é o nosso corpo. E como toda máquina, requer nossa manutenção, como rotina e disciplina.

Aqui, podemos identificar a associação realizada entre corpo e mente. O corpo é compreendido como um instrumento de trabalho e a mente, o “local de controle”. Apesar de utilizar uma expressão dicotômica, ao separar o físico e o cognitivo, aquilo que executa e aquilo que pensa, percebemos uma certa interdependência entre corpo e mente, em sua fala.

Da mesma forma, notamos que os demais MECs realizam a mesma analogia do corpo enquanto máquina, principalmente ao verbalizarem sobre o preparo, treinamento e condicionamento aos quais são submetidos. Esta visão “unilateral” sobre o corpo faz parte do universo militar e, conseqüentemente, a partir do processo de docilização já discutido, do seu próprio universo. Isso se dá até mesmo em função do treinamento corporal exigido na corporação militar, o qual os levam ao automatismo para a conclusão de determinadas tarefas profissionais. Este automatismo pode ser observado na fala do Tubarão Cação-Mangona:

[...] a gente não tem como se manter assim nessa certa zona de conforto, porque lá na frente você vai sentir muito. O corpo cobra e cobra pesado da gente qualquer tipo de atividade, mesmo as consideradas mais leves, você não estando com peso, que é raro [...] que normalmente a gente tá transportando mochila, armamento, equipamento [...].

Esse relato corrobora com a necessidade de se manter ativo já discutida anteriormente, uma vez que o corpo é utilizado como ferramenta de trabalho, uma máquina, inclusive voltada para o transporte eficiente.

Em análise, ao retornar ao Quadro 1, observamos que os militares, ao se expressarem dentro de sua OM (GRUMEC), percebem a preparação física como elemento fundamental. Entretanto, ao relatarem suas percepções quanto ao Corpo Ativo, surgem, em menor escala, categorias como: linguagem corporal, coletividade e a corpo/mente. Quanto ao aspecto “coletivo”, apesar de diretamente menos evidente nos relatos, interpretamos que as falas demonstrar certo sentido de integração do grupo e certa interdependência corporal, enquanto uma linguagem própria. Por exemplo, o Tubarão Branco relata sobre a característica importante do MEC ao anunciar que

Particularmente, creio que nosso potencial seja na versatilidade. Somos exímios saltadores, mergulhadores e atiradores. Alguns se destacam mais em uma ou outra atividade. Mas no fim, para que a missão seja cumprida, todos devem fazer a sua parte individualmente pensando de forma coletiva.

Portanto, fica evidente que as especificidades de cada sujeito contribuem para a formação do Grupamento, especialmente no cumprimento de suas missões. Para além, entendemos que toda essa “fortaleza corpórea” constitui-se como um dever institucional e visa cumprir, de certa forma, suas funções e atingir seus objetivos dentro da Marinha do Brasil, direcionados, sobretudo, à defesa da pátria de ataques e sabotagem de navios, resgate de material e pessoal em conflitos de guerra, defesa de nossas plataformas de petróleo/gás natural e realização de operações especiais como ações contra os ataques terroristas, dentre outras capacitações.

Verificamos que, no geral, considerando as análises dos dados, os entrevistados percebem o “seu” corpo como uma “ferramenta de trabalho”, um corpo que deve estar em constante movimento, preparado e condicionado fisicamente, uma “máquina” em estado

“perfeito”. Pois a profissão exige que se mantenham em bom condicionamento e desempenho físico, para que estejam sempre aptos e preparados diante de qualquer situação de caráter operacional.

Neste sentido, observamos que essa prontidão é adquirida a partir de um estilo de vida formado no ambiente de trabalho, por meio da relação mecanicista com o corpo. Além disso, fica evidente a presença da dicotomia corpo-mente, díade que aparece nos discursos analisados e tem correspondência com os autores discutidos ao longo deste trabalho.

Contudo, consideramos importante dar espaço neste estudo para explicitar a humanidade dos MECs, apesar da forma com que atuam em seu âmbito de trabalho, do modo como seus corpos são treinados e disciplinados para executarem suas tarefas, da ênfase no “corpo máquina”. Apesar dessa institucionalização do corpo, os militares são seres corpóreos com todas as características humanas (medo, angústias, frustrações, desejos, dores), mesmo que estejam “camufladas” nesse contexto militar.

7 - Considerações Finais

Entendemos que a pesquisa demonstrou elementos importantes sobre a história dos MECs da Marinha do Brasil, ao adentrar em sua origem e formação profissional, bem como ao abordar a temática da Corporeidade, tendo como “pano de fundo” o conceito de “Corpo Ativo” relacionado ao trabalho no GRUMEC, dentro da Organização Militar.

Ao considerarmos a metodologia² adaptada, percebemos que ela nos proporcionou uma frutífera análise do material coletado, com viés mais qualitativo e contribuiu para evidenciar os aspectos relevantes encontrados na pesquisa de campo. Entretanto, destacamos que também surgiram dificuldades durante as análises, entre elas, dificuldades quanto ao real significado e a interpretação das expressões apresentadas pelos entrevistados sobre as questões. Portanto, essa dificuldade constituiu-se uma limitação do estudo, parte natural da pesquisa, considerando o aspecto descritivo e sua perspectiva primária qualitativa.

Apesar disso, concluímos que os MECs compreendem o corpo como uma “ferramenta de trabalho”, uma “máquina” condicionada fisicamente e que deve estar preparada para lidar com qualquer situação adversa. Deste modo, evidencia-se o senso comum e a presença marcante da dicotômica do ser humano (corpo-mente).

Advertimos, ainda, que os resultados não apontam evidências acerca de expressões “negativas”, tais como: frustração, ansiedade, depressão, medo, todas facetas pertinentes a características humanas. Neste sentido, isso pode ser explicado pelo próprio viés e limite

metodológico, bem como por uma possível defesa contra a percepção de sua própria humanidade, inclusive devido a preocupação de julgamentos enquanto “sujeitos normais”.

Os resultados apontam que a maioria dos entrevistados não entra em contato com esta dualidade durante as entrevistas, sobretudo entre o “corpo militar” - forjado no meio militar - e o “lado humano” - civil. A pesquisa ainda demonstra um possível potencial para contribuir com outros estudos no campo militar, sobretudo relacionado às pesquisas que tratem da Corporeidade, bem como para outras temáticas, sejam elas o ingresso das mulheres nas Forças Armadas e/ou sobre a virilidade militar.

Da mesma forma, os dados discutidos também podem sinalizar caminhos à formação dos profissionais de Educação Física, notadamente no sentido de superar e/ou transcender a visão de corpo simplista sobre o ser humano, separado para depois juntar suas partes, numa visão reducionista (dicotômica) do “Ser”. Portanto, entendemos que os estudos sobre o corpo, atrelados à área da Educação Física, deveriam abandonar o reducionismo científico e promover discussões acerca do fenômeno/tema Corporeidade.

Por fim, destacamos que a visão dicotômica de ser humano foi evidenciada nas análises realizadas a partir dos integrantes do GRUMEC. Assim, compreendemos que o meio militar é um ambiente que impõe uma cultura de códigos e condutas específicas que constituem-se como fragilidades para uma visão ampliada do ser humano.

Neste sentido, o que se observa é a mecânica representação do corpo militar que deve passar e demonstrar saúde e vigor físico. Contudo, essa realidade reducionista também faz parte, de certa forma, da construção e da formação da área de Educação Física), especialmente mergulhada em uma visão mecanicista de ciência ao estudar o corpo humano. Por isso, urge a necessidade de pensarmos cientificamente no “indivíduo humano” como Ser ao mesmo tempo sociocultural, complexo e integral.

Referências Bibliográficas

1. Moreira R. Virilidade e o corpo militar. *Revista História: Debates e Tendências*, 2010; 10: 321-335.
2. Moreira WW, Simões R, Porto E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *Rev Bras Ciência e Movimento*, 2005; 13: 107-114.
3. Inforsato EC. A educação entre o controle e a libertação do corpo. In: Wagner WM, organizador. *O corpo ativo no século XXI*. 1ed. Campinas: Papirus; 2006. p.159-172.
4. Lisboa RAP. *Guardiões de Netuno: Origem e Evolução do Grupamento de Mergulhadores de Combate da Marinha do Brasil*. 1ed. Itajubá: Diagrarte; 2018.

5. Lisboa RAP. Origens dos mergulhadores de combate da marinha do brasil. Revista Marítima Brasileira. 2015; 5: 109.
6. Moreira WW. Croniquetas: um retrato 3x4. Piracicaba: Editora UNIMEP; 2003.
7. Kaiser K. GRUMEC: As Forças Especiais da Marinha do Brasil. Tecnologia Militar. 2013: 74 – 76.
8. Brasil. Marinha do Brasil. Carreira Militar. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/carreira-militar>> Acesso em: 25 de Fevereiro. 2019
9. Castro C, Izecksohn V, Kraay H. Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro: FGV: Bom Texto; 2004.
10. Polak YNS. O corpo como mediador da relação homem/mundo. Texto & Contexto em Enfermagem. 1997; 6: 29-43.
11. Overton W. Beyond dichotomy: an embodied active agent for cultural psychology. Culture and Psychology. 1997; 3: 315-334.
12. Moreira WW. Século XXI: a era do corpo ativo. Campinas: Papirus; 2006. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver; 137-154.
13. Gallo S. Corpo ativo e a filosofia. In: Moreira WW. Século XXI: a era do corpo ativo. Campinas: Papirus; 2006.
14. Foucault M. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. 8 ed. Petrópolis: Vozes; 1991.